

UM DIA FELIZ

9 — NA ZONA DE TURISMO DE ESPOSENDE

Quem foi que disse que havia uma linda entre Ofir e Esposende, talvez ali onde fica aquela ponte de ferro?

Para cá da encostada íngreme e quase pelada, sem escadaria, que desce de S. Lourenço, tudo é a mesma coisa: — uma região privilegiada, sem anfractuosidades e sem cortelhos, a não ser uma casita ou outra aonde more um pescador que já não puxa os calabres no arasto...

Tudo é anfiteatro e suavidade, quer a do rio que desce sem entraves até à foz, aninhado e largo que logo se vê que nunca lhe custou a ser português nem minhoto, quer das arribas empoleiradas por soccalcos com tirso nas parreiras baixinhas que deixam os gaiços à distância das mãos famélicas da canalha quando nasce por ali o «pintor».

Tudo é espraiamento. Tudo se divisa numa olhadela, nem que os olhos ali se fixem, porque, à volta, desde o ar que se respira ao anil das imagens que tapetam o espaço, tudo serve de perrixil a uma boa disposição. Mais bem ainda, a imensa suavidade que vem do mar, que caldeia o verão mais a pino, ou o fogo do calor em brasa que faz cantar a cigarra nas restevas ao lado ou na caruma do pinhal.

Não, aquela ponte de ferro não separa nada, não distingue. Ela antes, como um abraço enorme que acaba por fazer empertigar quem o dá e quem o recebe: — de cá, o Suave-Mar, com a letargia das sestras e a euforia dos ranchos que vão até Vila-Chã, o Abrigo de Pesca e as abóbadas e talhas da Matriz, as Muralhas do cais e os Solares de Brásão, a Varanda de Susão e a Citânia na abada de Faro, as ruínas e as panorâmicas verdes e flavas da palha malhada nas eiras; e de lá, o

Pinhal a fazer de galarim, num chão de fetos inultos com «solarzinhos» afrosos onde dantes só havia esquirolas de pinhas e dejectos da praia-mar, a muralha do Marachão e o Bom-Jesus de Fão com abóboda de caixotões (ver notas das relíquias arqueológicas inventariadas por Manuel de Boaventura) mesmo no «burgo medieval fangueiro», e «palácios», e a Piscina «Júlio de Oliveira», irregular para ser bonita e plasmada sob uma inspiração preciosa, e, finalmente, o Ofir imponente, batel sem velas, ali a estontear defronte dos leixões, que são os cavalos esporeados da lenda, quando a maré os chapina até à raiva para os deixar depois ao léu, de limos a escorrer baba.

Estamos agora do lado de lá — provado mesmo que não há dois lados, tudo se une e prende, embora se afastem também como os dedos da mão...

Nunca ali «entro» que não me alembre. Era uma charabasca anegrada, com uma capela — a Bonança — no cimo dum tremedal em concha aberta.

Mas passou por ali uma «varinha». Chama-se Sousa Martins. Ele é, na verdade, e no dizer do escritor de Susão, o inventor e criador da ofirínea região que, do quase-nada, fez o que se vai chamando o «Estoril nortenho»; o que sacrificou toda a sua vida em prol da ideia de fazer das famélicas areias da ribeirinha — Cávado, a cidade — Jardim já de alindada área. Onde a miragem mora ao lado da natureza viva e estonteante, de bizalhos reluzentes ao pescoço, como se fosse cachopa de rancho a que o merina-que no ar deixa ver as formas todas.

Nunca «entro» ali que não me alembre. Há quantos anos!

Duas casas, aquele carreirão meio empedrado e grande como uma légua, os leixões ao fundo — e amenidade, suavidade: *Mar, Pí-nhal e Rio*. A' volta, só a zumberrada dos insectos a acasalar-se pela sesta, os cordames caídos dos cortos ressequidos, e mato e urze no chão areento e sáfaro e pardo, aqui em gamela, acolá esticado como um tapete de retalhos, por onde esganhavam ancinhos fangueiros na recolha de cibo para o lume.

Nunca ali «entro» que não me alembre.

E fica para a próxima, e para termo, aquela noite no Ofir, maravilhosa, com requintes de recepção, que nunca mais esquece.

Mas não sem nos reportarmos, mais uma vez, àquele passeio rio

Um dia feliz

na zona de Turismo de ESPOSENDE

(Continuado da 1.ª página)

acima, varrido duma maresia que levantava as águas e as fazia farfarar contra a quilha do barquito veloz para lá da jusante da tal ponte de ferro; ao embarque «simbólico» no cais sólheiro da Casa de Socorros a Náufragos invadido por uma multidão de visitantes a que se juntaram basbaques e amigos na despedida...; às tertúlias de cavaqueiro frente ao «Suave-Mar» ali postado de sentinela à foz apertada por uma língua de areia em cavate sobre a barra e que é bem um «ex-libris» do burgo do P.º Sá Pe-reira; até ao *serão* em surdina junto à piscina «Júlio de Oliveira» que lembra a tèmpera e o gosto de um homem sem bravatas; e até à noite festiva do Ofir, embandeirado, cheio de luz a derramar gaze fluorescente e magnética, onde os sentidos buliam picados pela vespeira do luxo e do encantamento...

Até à próxima.

J. C.